

2x10
Feb

0

13-00000-1000

0.1

5

MENON

11/18/02

19 99643-7644

Scanner e passar

O problema estudado neste diálogo é ainda o da Virtude. Já no Protágoras examinara Platão esse tema, voltando a tratar dele, sob outro aspecto, no Górgias. No Mênon, — que de certo modo é um complemento do Górgias, — trata-se de saber, desde o preâmbulo, se a virtude pode ou não ser ensinada. Parece que essa questão preocupou bastante os escritores gregos da época de Platão. Esquines e Antístines se detêm no exame desse mesmo problema.

A influência dos sofistas, — ainda bem viva, como se verifica neste diálogo — havia determinado um considerável progresso de espírito crítico. Os antigos sofistas, — escreve Unámuño — “os sutis sofistas gregos, foram grandes agentes da liberdade mental; ensinaram a jogar com as idéias, a perder-lhes o respeito; ensinaram que as idéias são para os homens e não os homens para as idéias”⁽¹⁾. Originou-se daí uma grande crise na filosofia antiga. E’ em torno dessa crise que se vai desenvolver a filosofia de Platão, espécie de grande comentário desse momento. Momento cultural e político que envolve sérias questões morais, pois é sabido que a moral e a política se confundem na filosofia grega. O Mênon apresenta vestígios bem claros das dificuldades desse interessante momento da história intelectual da Antiguidade.

•
•

A virtude é suscetível de ser ensinada? Haverá, por acaso, uma “ciência” da virtude? Ou será ela um dom da natureza? As conclusões a que chegam as duas figuras principais do diálogo, aparentemente parecem confirmar que a virtude não é suscetível de ensino, que não há uma “pedagogia” que lhe seja própria. Todavia, examinadas mais profundamente

(1) Miguel de Unámuño - “Ensayos” - t. VII, p. 85 (1.ª ed.) Madrid, 1916.

as cousas, não nos é possível tomar, com demasiado rigor essas conclusões. Verificamos, ainda neste diálogo, como em outros de Platão em que Sócrates é a figura central, que ele permite margem à dúvida. Dúvida na qual se originam novos problemas. Basta atentar no desfile de "definições" da virtude que Sócrates e Mênon apresentam. Passam diante de nós os mais diversos aspectos das virtudes, todos eles rejeitados, todos eles esboçando novos caminhos, à discussão do que é a virtude. Nisto consiste, talvez, a primeira lição de filosofia deste diálogo. Fica bem marcado aqui que a inquietação do saber é um dos caracteres fundamentais da filosofia.

Dom da natureza ou suscetível de ser aprendida, pouco importa. O que é certo é que a virtude existe. Existiu no passado, há de existir e existe no presente. Todavia, nem mesmo os sofistas que sempre se apresentaram como mestres de virtude, sobretudo de virtudes políticas, — que outra coisa não são porém do que virtudes oratórias destinadas ao preparo e formação de demagogos, — podem dizer o que ela é. De que modo, pois, podemos nós procurar, investigar aquilo que não conhecemos? — indaga o ingênuo Mênon. — Há, porém, homens, homens honestos e justos, responde o velho Sócrates, que, honesta e útilmente, guiados pela justiça e pela santidade, conduzem suas existências. São virtuosos. Não os norteia uma "ciência", nem eles andam à procura dela. Guia-os, a opinião verdadeira, uma espécie de retidão do espírito que, se não chega à certeza e à solidez da ciência, parece, todavia, produzir resultados práticos que se assemelham muito àqueles que derivam de uma ciência. Já neste ponto, bem se vê, no diálogo não se resolve o problema da virtude. Abre-se outro, não menos profundo e não menos belo do que aquele que a virtude, considerada como ciência, poderia propor.

Entretanto, como será possível o saber, a própria opinião verdadeira? E' neste ponto do diálogo que Platão volta a apresentar a sua famosa teoria da reminiscência. O saber, a retidão do espírito são simplesmente reminiscência. E ensinar, saber interrogar é acordar, na alma daqueles que chamamos de ignorantes, as idéias que aí estavam adormecidas. E' certo que, neste diálogo, a referência à teoria da reminiscência não é muito precisa e nem indica, de uma maneira adequada, a relação que as idéias mantêm entre si. Há apenas uma referência muito rápida às condições da nossa vida anterior, ao problema da contemplação das idéias puras.

Recorrendo à teoria da reminiscência é possível a Sócrates demonstrar a Mênon que um escravo de sua comitiva é

também capaz de encontrar, de descobrir, por si, um certo número de verdades relativas à geometria. A opinião verdadeira, assim como a ciência, são uma vaga recordação das Verdades Eternas que um dia a nossa alma contemplou. Ciência e opinião verdadeira derivam dessa recordação. Uma vez ainda, cremos, Platão utiliza o mito para contornar uma dificuldade e para ilustrar o seu pensamento. A reminiscência, resíduo de pitagorismo na filosofia platônica, tem neste diálogo apenas o valor de símbolo de uma realidade que não pode ser demonstrada: é simplesmente uma hipótese instrutiva e útil. "Aqueles que pagaram a Perséfone o devido tributo, ela envia, por nove anos, ao alto sol. E dessas almas se elevam reis ilustres, homens poderosos pela força e pelo saber que são honrados como heróis pelos mortuís". E' nesta imagem poética de Píndaro que Sócrates resume o complicado problema da reminiscência neste diálogo. E' mister não esquecer que a doutrina da reminiscência passa, como outras que a fantasia de Platão criou, por várias vicissitudes em toda a sua longa obra filosófica. Acusaram-no, por isso, de contradição. Como se os sistemas filosóficos não se apresentassem, freqüentemente, como tecidos de ricas e fecundas contradições!

As personagens do diálogo são, como se verá, quatro. Mênon, que dá seu nome ao diálogo, é um rico habitante de Larissa, na Tessália. Da nobre família dos Aleudes, que tiveram a triste honra de ser "hóspedes do Grande-Rei", Mênon viaja para se instruir. Fôra discípulo do sofista Górgias quando este andara pela Tessália e dedica-se, por simples gosto, à matemática ou, mais exatamente, à geometria. E' perceptível, principalmente no início do diálogo, o vício de sua formação sofística. Mênon revela uma indisfarçável tendência para a eloquência. Não denota, porém, aquela impáfia tão característica dos maus sofistas. Ao contrário, como se verá no diálogo, ouve atentamente as palavras de Sócrates e não tenta, salvo por duas vezes, de modo aliás bastante ingênuo, embasbacar com a superficial ciência que aprendera com os sofistas o velho dialético que é Sócrates.

Sócrates apresenta-se ainda neste diálogo cheio de ironia, refutador terrível das idéias feitas no mercado dos sofistas. E' bem a tremelga que enfeitiça os que dela se aproximam, a que se refere Mênon em um dos trechos do diálogo. Rebateando idéias falsas, iluminando o espírito e abrindo novos ca-

minhos ao raciocínio, leva os seus interlocutores a praticar a maiêutica, a trazer à luz não somente novas verdades, mas ainda a se revelarem tais como são. E' essa sua arte que en-
furece Anito e que encanta Mênon. Revelando novos cami-
nhos à inteligência, Sócrates mostra que certas verdades que
êle ajuda a partejar encerram, por sua vez, novas dúvidas que
são, por sua vez, novas condições para que prossiga sempre o
esforço da eterna busca que caracteriza a filosofia. Porque esta,
sempre será assim, eterna e inquieta investigação do que é
o mundo e o homem. Para que progrida é mister haver in-
satisfação, é preciso que o homem não se satisfaça no limita-
do redil dos sistemas e nos dogmatismos. Eterna representa-
ção de problemas, a filosofia não se dá bem com o acabado e
o definitivo.

A terceira personagem dêste diálogo é um escravo. E os
escravos não costumam deixar os seus nomes na história: são
simplesmente escravos. Um ou outro distinguiu-se e a histó-
ria, espantada, anotou o seu nome. Sabemos apenas que o
escravo de Mênon era grego e que fôra criado em casa dêste
rico e nobre discípulo dos sofistas. E' fácil perceber que Só-
crates simpatiza com êle. "Se interrogarmos freqüentemente o
escravo, diz Sócrates a Mênon, e de várias maneiras, tu podes
estar certo, Mênon, que êle acabará tendo consciência tão exa-
ta quanto aquela de um homem de sociedade"...

Personagem tenebrosa, agourenta é a última figura do di-
álogo: Anito. Político fanático, pouco lhe interessam as dis-
cussões sobre a virtude. Virtude êle só a vê nos chefes do po-
vo. Desdenha os intelectuais, os agitadores de idéias. Os so-
fistas são perturbadores da tradição, fermentos de dissolução
das sociedades e por isso Anito os odeia e especialmente a
Sócrates que o irrita e a quem, ao findar o diálogo, ameaça
e previne. Nas poucas mas vivas e dramáticas páginas em que
Platão retrata a tenebrosa figura de Anito, do político que se
satisfaz apenas com o prazer do poderio, há um exemplo digno
da meditação dos contemporâneos. Nos políticos medíocres, em
que a habilidade passa, infelizmente, como índice de inteli-
gência, há um indizível ódio contra a inteligência verda-
deira, que é sincera, honesta e justa. Os que, como Anito,
apenas desejam o poder pelo prazer de exercê-lo, não amam
a filosofia. Desdenham dela para mais facilmente escarnecer
e esmagar a Liberdade.

Pouco se sabe sobre a data em que foi escrito o diálogo.
Pensam alguns autores que êle foi redigido, mais ou menos,
ao findar a guerra do Peloponeso. O que êste pequeno diá-
logo de Platão nos abre, na sua simplicidade, é, porém, uma
interessante perspectiva para a compreensão de sua filosofia.
E' um dos mais fáceis e é o que melhor nos dirige para a
compreensão da filosofia platônica.

M Ê N O N

(Local: uma praça pública em Atenas).

Prólogo

MÊNON: — Estarias disposto a dizer-me, Sócrates, se a 70
virtude pode ser ensinada? ou se pode ser adquirida pelo exer-
cício? Ou quem sabe se não é nem ensinável nem adquirível
pela prática, mas recebida de nossa própria natureza? Ou,
talvez, de outra qualquer maneira?

SÓCRATES: — Os tessálios, Mênon, eram afamados e ad-
mirados entre os gregos por sua arte de montar e por suas
riquezas, mas hoje, segundo me parece, o são também por
sua sabedoria. E nem estão em último lugar os larisseos, con-
cidadãos de teu amigo Aristipo. Tal é o merecimento de Górgias!
Quando este, com efeito, esteve em Larissa, conseguiu
atrair para a sabedoria os mais nobres chefes dos Aleudes, a
que pertence teu amigo Aristipo, e outros tessálios. E vos
acostumou assim, a responder corajosa e infalivelmente a
qualquer pergunta que se vos faça, como, aliás, é muito natu-
ral aos sábios e a ele próprio. Permitia a cada grego que o
interrogasse sobre o que quisesse, sem faltar com a resposta (!)
Em nossa cidade, todavia, se passa justamente o contrário:
como se aqui tivesse havido uma degeneração da sabedo- 71
ria, e esta emigrasse da nossa terra para a vossa. E tanto
assim é que, se assim interrogares a quem quer que seja den-
tre nós, todos se hão de rir e responder-te: "Muita hon-
ra me fazes, estrangeiro, a ponto de me julgares sabedor de se
a virtude é ensinável ou se ela se adquire de outro modo. Na
realidade, confesso-te que não sei nem se a virtude pode ser
ensinada, nem se não pode; para dizer tudo, não sei sequer
o que é a virtude!" Eu, pelo menos, estou nessas condições.
Encontro-me na mesma miséria que meus concidadãos, e con-

(1) Ironia de Sócrates dirigida ao sofista Górgias. (n. r.)

fesso que nada sei sobre a virtude. E, não sabendo o que é uma coisa, como queres que saiba *como* ela é? Ou acaso te parece possível que alguém, não sabendo *quem* é Mênon, possa não obstante saber *como* ele é, se belo ou rico, se é nobre ou não? Achas que isso seria possível?

MÊNON: — Não. Mas, é mesmo verdade, Sócrates, que ignoras o que seja a virtude? Queres que espalhemos isso em nossa terra⁽²⁾?

SÓCRATES: — E não só isso, Mênon — mas que também jamais encontrei uma pessoa que o soubesse!

MÊNON: — Comol! Não te encontraste com Górgias quando ele esteve por aqui?

SÓCRATES: — Encontrei-me.

MÊNON: — E julgaste que ele não o sabia?

SÓCRATES: — Não me recordo bem, caro Mênon, nem te posso relatar que impressão recebi naqueles tempos ao ouvi-lo. Pode muito bem ser que o soubesse, e que tu também saibas o que ele dizia. Recorda-me, pois, o que ele ensinava; ou, melhor, diz-me tu mesmo o que é a virtude, pois, segundo penso, participas de seu modo de ver.

MÊNON: — De fato.

SÓCRATES: — Deixemo-lo, então, em paz, já que está ausente. Mas tu, Mênon, em nome dos deuses! diz-me o que pensas que seja a virtude. Fala; e serei feliz em reconhecer meu erro, se conseguires provar-me que vós, tu e Górgias, sabeis o que é a virtude, a virtude que eu há pouco disse jamais haver encontrado alguém que a conhecesse.

As virtudes

MÊNON: — Não é difícil dizê-lo, caro Sócrates. Em primeiro lugar, se desejas saber o que é a virtude do homem, aqui a tens: ser capaz de bem dirigir o Estado; e, quando estiver administrando, fazer bem aos amigos e mal aos inimigos, sempre evitando o mal para si mesmo. Se queres saber qual a virtude da mulher, não é difícil dizer que ela deve bem administrar a casa, cuidar da família, e sempre obedecer ao marido. Há ainda uma virtude própria às crianças de um ou de outro sexo; outra própria ao velho; a que convém ao homem livre, outra

72

(2) O ingênuo Mênon não percebe que as palavras de Sócrates se revestem aqui de um mero valor metódico, e as toma como uma real declaração de ignorância do próprio Sócrates. (n. t.)

ao escravo. Há muitos gêneros de virtudes e não faltam as definições. Jamais te sentirás embaraçado quando te vires na necessidade de dizer o que é a virtude; conforme a ação, conforme a idade, conforme o trabalho, há uma virtude particular. E tenho, ademais, caro Sócrates, a convicção de que o mesmo se pode dizer do vício.

SÓCRATES: — Como sou feliz, caro Mênon, e que sorte a minha! Eu que procurava uma só virtude, acabo de encontrar em ti um enxame de virtudes! Entretanto, já que falamos de enxames: se eu te perguntasse: "que é a abelha?" e tu me respondesses: "as abelhas são numerosas e várias" — que haverias de replicar se em seguida eu te perguntasse: "afirmas que elas são numerosas e várias?" Ou não haverias, pelo contrário, de dizer que não é como abelhas que elas diferem umas das outras, mas, sim, por outras cousas, como por exemplo pela beleza, ou pelo tamanho, ou por qualquer outro característico do mesmo gênero? Que responderias àquela pergunta?

MÊNON: — Claro que diria que as abelhas, como abelhas, não se distinguem umas das outras.

SÓCRATES: — E se, continuando, eu te pedisse: "dize-me que caráter é esse pelo qual elas se assemelham e que é idêntico em todas as abelhas?" Que nota é essa? Saberias dar-me para isso uma resposta satisfatória?

MÊNON: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — Pois o mesmo se dá com as virtudes. Por mais numerosas e várias que sejam, haverá sempre um certo caráter geral, que as abranje a todas e por força do qual elas são virtudes. É este caráter geral que se deve ter em vista, para se saber o que é a virtude. Compreendes o que digo?

MÊNON: — Sim, creio compreender o objeto da questão mas não ainda tão claramente como eu o desejaria.

SÓCRATES: — É unicamente a propósito da virtude, caro Mênon, que tens a opinião de que seja uma para o homem, outra para a mulher, outra para outro qualquer, ou pelas da mesma forma no que concerne à saúde, ou ao tamanho, ou à força? Crês que a saúde seja uma para o homem, outra para a mulher, e assim por diante, ou, pelo contrário, que a noção da saúde como saúde é a mesma em toda parte, tanto para o homem como para qualquer outro objeto?

MÊNON: — A saúde me parece ser a mesma coisa tanto para o homem como para a mulher.

SÓCRATES: — E o tamanho? e a força? Quando uma mulher é forte, acaso não o é segundo o mesmo caráter geral de força? Mesma força quer dizer, nada mais nada menos: força é força, e é indiferente que se encontre num homem ou numa mulher ou não importa em quê. Percebes aí alguma diferença?

MÊNON: — Nenhuma.

SÓCRATES: — Então? Para que a virtude seja virtude, 73 deve distinguir-se entre virtude de criança e virtude de velho, virtude de mulher e virtude de homem?

MÊNON: — Parece-me, contudo, caro Sócrates, que para a virtude não vale a mesma regra que para as demais cousas!

SÓCRATES: — Como!? Acaso não acabaste de dizer que virtude do homem é administrar bem o Estado, e da mulher, administrar bem uma casa?

MÊNON: — Sim, disse.

SÓCRATES: — É possível administrar-se bem uma cidade, ou uma casa, ou o que quer que seja, se não se age sábia e justamente?

MÊNON: — Certamente que não.

SÓCRATES: — E administrar com justiça e com sabedoria, não será aplicar justiça e sabedoria à administração?

MÊNON: — É certo.

SÓCRATES: — Logo, os dois, homem e mulher, para serem virtuosos, precisam das mesmas qualidades: justiça e sabedoria.

MÊNON: — Sim.

SÓCRATES: — Mas se a criança e ancião são perturbados e injustos, podem ser virtuosos?

MÊNON: — Não.

SÓCRATES: — Mas sendo sábios e justos?

MÊNON: — Sim!

SÓCRATES: — Logo, todos os homens são virtuosos da mesma maneira, pois são as mesmas qualidades que assim os fazem.

MÊNON: — É exato.

SÓCRATES: — Mas tal não poderia ser, se a virtude de todos não fôsse a mesma!

MÊNON: — Nunca, de fato.

SÓCRATES: — Pois bem; se a virtude de todos é a mesma, procura lembrar-te e dizer-me de que modo Górgias define a virtude, e tu com êle.

MÊNON: — Se o que desejas é uma definição única, aplicável a todos os casos, e-la: a virtude é a capacidade de governar homens⁽³⁾.

SÓCRATES: — É isso de fato o que ando a procurar. Mas tu crês, meu caro Mênon, que é próprio da virtude de uma criança e de um escravo governar o seu amo? E achas que uma pessoa que governa é ainda escrava?

MÊNON: — Não, Sócrates, não o creio.

SÓCRATES: — Isso seria, com efeito muito estranho, meu caro amigo! Todavia, repara mais no seguinte: dizes que virtude é capacidade de governar; mas não deveríamos acrescentar: "com justiça" e não de outro modo?

MÊNON: — De fato, devemos. A justiça é virtude, meu caro Sócrates!

SÓCRATES: — Como? Ela é a virtude, ou uma virtude?

MÊNON: — Que queres dizer?

SÓCRATES: — O que diria para um objeto qualquer. Olha, por exemplo, direi que o círculo é uma figura, e não que é a figura, porque há muitas outras figuras além dêle.

MÊNON: — Tens razão. Quer-me também parecer que nem só a justiça é virtude, mas que há muitas outras. 74

SÓCRATES: — E quais são? Dize! Se queres, enumerei as outras figuras; e tu, as outras virtudes!

MÊNON: — Creio que a coragem é uma virtude, assim como também a inteligência, e a sabedoria, a generosidade, e muitas outras.

SÓCRATES: — Estamos a caminhar inútilmente em volta do mesmo ponto, caro Mênon! Procurando uma virtude, vamos encontrar muitas virtudes, mas não descobrimos ainda a virtude, que abrange as demais.

MÊNON: — Confesso, Sócrates, que não consigo encontrar essa virtude que procuras, essa virtude única, sempre a mesma e não chego mesmo a concebê-la.

SÓCRATES: — Isso não me surpreende. Vou fazer um grande esforço a ver se conseguimos progredir neste assunto. Já deves ter compreendido que a regra é sempre a mesma. Se alguém, como há pouco expliquei, te perguntasse: "Mênon, que é a figura?", e respondesses: "É o círculo", esse alguém

(3) Para ter bem idéia clara do sentido deste trecho é mister não esquecer que moral e política se confundem na Grécia. (n. r.).

volveria a perguntar-te, como eu: "O círculo é a figura, ou uma figura?" — ao que terias de responder: "É uma figura". Não é⁽⁴⁾?

MENON: — Evidentemente.

SÓCRATES: — Sim, é; e é, porque há muitas outras figuras.

MENON: — Efetivamente.

SÓCRATES: — E se ele insistisse, perguntando: "Que outras figuras?", haverias de enumerá-las, não é?

MENON: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — E se te perguntasse da mesma forma: "Que é a côr?" e respondesses: "É o branco", volveria a inquirir-te: "O branco é a côr, ou uma côr?" — ao que responderias: "Uma côr, porque há mais côres". Não é?

MENON: — Certamente.

SÓCRATES: — E se te pedisse para enumerar as outras côres, haverias de apresentar muitas outras côres, que não são menos côr do que o branco; não é?

MENON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Mas se essa pessoa continuasse como eu, a discussão, e dissesse: "Estamos sempre a encontrar a pluralidade." Mas não é isso o que quero. Chamas, com efeito, a todos êsses objetos pelo mesmo nome, e é assim, por exemplo, que dizes que cousas bem diferentes entre si são *figuras* embora elas sejam diferentes umas das outras. Ora o que quero saber é: que é a figura? que é o que compreende o círculo e o quadrado e que tu chamas figura? Porque certamente dirás, como eu, que o círculo é figura assim como o quadrado; ou não⁽⁵⁾?

MENON: — Digo.

SÓCRATES: — É claro, porém, que não queres dizer com isso que o círculo seja quadrangular e o quadrado, circular?

(4) Ver-se-á, em quase todos os diálogos de Platão, que ele freqüentemente recorre aos exemplos da matemática. É sabida a influência que a matemática exerceu na formação e na filosofia deste filósofo (cf. Gaston Milhaud. "Les Philosophes Geomètres de la Grèce", obra que deve ser estudada por todos aqueles que desejam conhecer profundamente a filosofia de Platão (n. r.).

(5) Sócrates procura a característica essencial do gênero "figura", de que são espécies o círculo e o quadrado, entre outras. No texto grego vem "o redondo" e "o reto"; preferi traduzi-lo por "círculo" e "quadrado" (n. t.).

MENON: — Claro que não!

SÓCRATES: — Mas, apesar disso, afirmas: o círculo é figura assim como o quadrado?

MENON: — Tens razão.

SÓCRATES: — Então dize-me o que é isso a que se dá o nome de figura. Poderias, contudo, responder ao que te interrogasse a propósito da figura e da côr: "Não te entendo"; ao que ele, perplexo, volveria: "Como? Não entendes que estou a procurar o que é comum a todos?" Ou, acaso, caro Menon, não saberias dar uma resposta imediata a quem te interrogasse: "Que têm de comum o quadrado, o círculo e todos os objetos a que dás o nome de figuras?" Tenta responder, a fim de tornar mais fácil a definição de virtude!

MENON: — Não, Sócrates; dize-o tu mesmo.

SÓCRATES: — Queres que te dê êsse prazer?

MENON: — Quero.

SÓCRATES: — E depois estarás disposto a me responderes sobre a virtude?

MENON: — Como não!

SÓCRATES: — Então vou esforçar-me por fazer o que queres, pois bem vale a pena.

MENON: — Seguramente.

SÓCRATES: — Vejamos então! Tentemos explicar em que consiste a figura. Vê se aceitas esta definição: figura é o que sempre tem uma côr. Esta definição é suficiente, ou desejas que procuremos uma outra? Quanto a mim, se assim me respondesses sobre a virtude, eu estaria satisfeito.

MENON: — Mas isso, Sócrates, é tolice!

SÓCRATES: — Por quê?

MENON: — Segundo tua definição, figura é o que sempre tem uma côr. Seja! Mas se alguém dissesse que não sabe o que é a côr e permanecesse dêsse modo na mesma ignorância a respeito da figura — que poderias dizer⁽⁶⁾?

SÓCRATES: — Que ela é verdadeira e, se tivesse que tratar com um dêsses homens hábeis e disputadores⁽⁷⁾ que

(6) Este erro intencional de Sócrates, vai permitir que se desenvolva, a seguir, como se verá, a discussão. (n. r.)

(7) Esses homens hábeis e disputadores são os sofistas. Aí se explime todo o desprezo de Sócrates por esta casta. Diz "hábeis" irônicamente, e "erísticos" (do grego "eris" — disputa).

Definição
da figura

75

vivem a procurar brigas e disputas, eu lhe diria apenas: "Dei a explicação que melhor me pareceu. Se te parece que não falo certo, deves tomar a palavra e convencer-me do contrário." Todavia, quando dois bons amigos, como eu e tu conversam, a resposta deve ser dada com maior doçura e mais de acôrdo com o espírito da conversação⁽⁸⁾. O que caracteriza êsse espírito, segundo penso, consiste, não em só dizer a verdade, mas fundamentar as respostas unicamente naquilo que o próprio interlocutor reconhece saber. Seguindo êste espírito é que vou procurar, contigo, resolver a questão. Dize-me: usas a palavra *fim*? Ela quer dizer limite e extremidade. Creio que estas duas palavras têm o mesmo significado. Pródicos talvez não esteja de acôrdo. Mas tu dizes indiferentemente que uma coisa tem um fim ou um limite, isto é o que eu entendo e nada aí vejo de misterioso.

MÊNON: — Sim, emprego essa palavra, e creio que compreendo o que queres dizer.

SÓCRATES: — Pois bem. E dizes, da mesma forma, que uma coisa é superfície e que outra é sólido, segundo os termos da geometria?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Vais agora compreender o que eu chamo: *figura*. Digo que figura é o limite onde termina um sólido. Ou, definindo com mais brevidade: "figura é o limite de um sólido."

MÊNON: — Mas, caro Sócrates, e a côr?

SÓCRATES: — Estás a zombar de mim, caro Mênon! Incomodas-me com efeito a mim, um velho, com perguntas, enquanto tu procuras evitar hábilmente o trabalho de forçar a memória para me dizer o que Górgias entende por virtude!

MÊNON: — Quando me responderes, caro Sócrates, dillo-ei.

para significar que só discutem pelo prazer de discutir, e não para atingir a um conhecimento real e verdadeiro do que quer que seja. (n. t.)

(8) Esta conversão, — a dialética, é o método por excelência de Sócrates. Processa-se em dois tempos: a *ironia*, em que se indica o erro do interlocutor e a *maieutica*, processo pelo qual o interlocutor é obrigado a tirar de si mesmo a verdade procurada. A história do espírito dialético no evoluer da filosofia tem sido o motor de todo o progresso de consciência. (n. r.)

SÓCRATES: — Mesmo no negror das trevas, meu caro Mênon, poder-se-ia notar que és belo, e que ainda tens amant⁽⁹⁾.

MÊNON: — Por que dizes isso?

SÓCRATES: — Porque tuas palavras são ordens. É assim que falam os voluptuosos, os tiranos, enquanto são jovens. Observaste, com efeito, que eu próprio não consigo resistir ao que é belo. Mas, vou atender-te e responder.

MÊNON: — Será uma gentileza, Sócrates.

SÓCRATES: — Preferes que responda conforme o método empregado por Górgias? Assim compreenderás melhor.

MÊNON: — Como não! Preferiria.

SÓCRATES: — Não dizeis, de acôrdo com as teorias de Empédocles⁽¹⁰⁾, que nos seres há certos eflúvios?

MÊNON: — Afirmamos.

SÓCRATES: — E que, ademais, há também nêles poros para os quais os eflúvios são atraídos e por onde se insinuam e por onde também se desprendem?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — E que, entre êsses eflúvios, alguns são proporcionados a certos poros, ao passo que outros são, ou muito grandes, ou muito pequenos?

MÊNON: — Isso mesmo.

SÓCRATES: — E não há também uma coisa a que dais o nome de "visão"?

MÊNON: — Há.

SÓCRATES: — Pois bem; isto pôsto — "compreende o que digo", como lá diz Píndaro — temos que a côr é um eflúvio das figuras, proporcionado à potência visual ou visão e perceptível por ela⁽¹¹⁾.

(9) Este trecho se relaciona com a pederastia, vício habitual e vastamente generalizado naquela época. Sócrates foi durante toda sua vida um acerbo inimigo deste vício. (n. t.)

(10) Empédocles, filósofo naturalista, criador da teoria dos quatro elementos. Górgias parece ter sido seu discípulo, e por essa razão Sócrates supõe que Mênon, aluno de Górgias, também esteja familiarizado com as doutrinas de Empédocles. As idéias de Empédocles sobre a matéria foram revistas e adotadas por Aristóteles e vigoraram durante toda a Idade Média. (n. r.)

(11) O que Platão põe, ainda uma vez, nas palavras de Sócrates, é uma ironia. Esta maneira de parodiar as teorias de Empédocles, é o sinal disso. (n. r.)

MÊNON: — Creio, caro Sócrates, que ofereceste uma excelente reposta.

SÓCRATES: — Talvez assim o creias unicamente porque ela não se afasta daquilo a que estás acostumado. Além disso, essa maneira de responder, oferece-te um meio cómodo para explicar o que é o som, o odor e muitas outras cousas análogas.

MÊNON: — Certamente.

SÓCRATES: — Esta definição da côr é, porém, caro Mênon, trágica e parece-me que não foi por outro motivo que ela te agradou mais do que a que dei a propósito da figura.

MÊNON: — Realmente, agradou-me mais.

SÓCRATES: — Mas estou convencido, ó filho de Ale-xidemos, que não é melhor do que a primeira; e creio, mesmo, que virias a ter a mesma impressão que eu, se não te fôsse necessário, como disseste ontem, partir antes dos Mistérios, em vez de aqui permanecer e receber a necessária iniciação⁽¹²⁾.

MÊNON: — Sem dúvida que eu ficaria, caro Sócrates, se me dessem outras tantas explicações como as de hoje!

SÓCRATES: — Não me falta boa vontade para prosseguir na discussão de tais cousas, tanto no teu interesse como no meu; parece-me, contudo, que não seria capaz de te dizer muito mais. Trata agora de dar cumprimento à promessa que há pouco me fizeste, e explica-me em que consiste a virtude em geral. Evita, porém, de "fazer muitas cousas de uma só", como se diz que fazem aquêles que quebram algum objeto. Deixa, pelo contrário, a virtude intacta e inteira, e diz-me apenas o que ela é. E, para conseguires isso, serve-te dos vários exemplos que acabo de expor.

Definição da virtude por Mênon: 1.º em ser poderoso. E assim é que posso definir a virtude: *amar as cousas belas*; 2.º *poder conseguir-las*.

SÓCRATES: — Como consequência, entendes que quem deseja o belo deseja o bem?

MÊNON: — Necessariamente.

(12) Mistérios: culto de certas sociedades secretas, cuja significação era conhecida apenas dos iniciados. O grego vulgar usa a palavra "mistério" às vezes com o sentido de "instrução". O que Sócrates quer dizer é o seguinte: ficar-las com outra opinião se não te demorasses só por pouco tempo em Atenas e se aqui ficasses fazendo estudos aprofundados. (n. t.)

SÓCRATES: — E portanto, também dizes que há certas pessoas que desejam o bem, e outras que desejam o mal? Mas não te parece, meu amigo, que todos os homens desejam unicamente o que é bom?

MÊNON: — Não, não me parece.

SÓCRATES: — Afirmas, então, que alguns homens desejam o mal?

MÊNON: — Sim.

SÓCRATES: — E crês que estes desejam as cousas más por que as acham boas? ou dizes, então, que sabem que são más e não obstante isso as desejam?

MÊNON: — Creio que há os dois casos.

SÓCRATES: — Acreditas, pois, caro Mênon, que alguém que sabe que o mal é mal pode ainda desejá-lo?

MÊNON: — Creio.

SÓCRATES: — Que entendes tu por *desejar* uma cousa má? Que nos aconteça algo de mau?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Mas os que desejam o mal, crêem que ele é vantajoso ou pernicioso?

MÊNON: — Há uns que pensam que as más cousas fazem o bem; mas há outros, também, que sabem perfeitamente que as cousas más só produzem o mal.

SÓCRATES: — Quanto aos que pensam que o mal é vantajoso, o conhecem como sendo verdadeiramente o mal?

MÊNON: — Eu não ousaria afirmar isso.

SÓCRATES: — Por conseguinte: estes não desejam o mal como tal, pois não o conhecem; desejam apenas o que lhes parece um bem, bem que neste caso é mal. Donde podemos concluir que os que desejam o mal e o consideram como bem, estão de fato a desejar unicamente o que é bom. Não é também o que pensas?

MÊNON: — Quanto a esses, sim.

SÓCRATES: — Prossigamos. Aquêles, pelo contrário, que desejam as cousas más sabendo que elas são más e só causam o mal, esses sabem que serão prejudicados pelo mal?

MÊNON: — Isso mesmo.

SÓCRATES: — Mas não pensarão esses que uma cousa prejudicial faz sofrer na medida mesma em que ela é prejudicial?

MÊNON: — Claro.

SÓCRATES: — E que um homem que sofre é um infeliz?

MÊNON: — Penso que é assim.

SÓCRATES: — Ora, dize-me, então, se te parece possível que haja no mundo inteiro um homem apenas que deseje ser infeliz e viver uma vida miserável?

MÊNON: — Não; penso que não há ninguém que deseje tal cousa.

SÓCRATES: — Assim, caro Mênon, ninguém expressamente deseja o mal. — Que é sofrer? Não é, ao mesmo tempo desejar o mal e possuí-lo?

MÊNON: — É possível, Sócrates, que tenhas razão e que ninguém deseje o mal.

SÓCRATES: — Tu dizias, faz poucos instantes, Mênon, que a virtude consiste em desejar o que é bom e poder consegui-lo?

MÊNON: — Sim, disse.

SÓCRATES: — Logo, todos têm o mesmo desejo, a mesma vontade; e sob este aspecto ninguém é melhor do que outro?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Como consequência, é claro que, se uma pessoa for melhor do que outra, isto só poderá ser em virtude do poder que ela possui a mais que a outra, e sua superioridade consiste em dispor de um poder maior?

MÊNON: — Necessariamente.

SÓCRATES: — Concluindo: segundo a tua opinião, a virtude consiste nada mais nada menos do que na capacidade de procurar o bem?

MÊNON: — Exatamente; adoto plenamente tua maneira de ver.

SÓCRATES: — Examinemos, agora, esta segunda face da questão, pois és capaz de estar com a razão quando assim pensas. Assim é que dizes, que virtude é o poder de conseguir o bem.

MÊNON: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — Esse bem do qual falas é, por exemplo, a saúde, a riqueza?

MÊNON: — Considero além disso a aquisição do ouro, da prata, as honrarias da política.

SÓCRATES: — Quando te referes ao bem, nada mais consideras?

MÊNON: — Digo que "bem" são todas as cousas desse gênero.

SÓCRATES: — Sejal Então, conseguir para si mesmo ouro e prata — eis a virtude, para Mênon, hóspede hereditário do grande rei⁽¹³⁾! Não te parece, todavia, caro Mênon, que seria conveniente acrescentarmos "justa e honestamente"⁽¹⁴⁾? ou isso te é indiferente? Se alguém ganhar uma fortuna mediante injustiças, dirás que isso também é virtude?

MÊNON: — Jamais, Sócrates!

SÓCRATES: — Seria maldade?

MÊNON: — Sem nenhuma dúvida!

SÓCRATES: — Portanto, concordas em que a aquisição devemos adicionar a justiça, ou a sobriedade, ou a piedade; ou qualquer outra parte da virtude; se não, ela não será virtude, embora proporcione o que é bom.

MÊNON: — Sim, pois de que modo poderia haver virtude sem isso?

SÓCRATES: — E não pensas igualmente que é virtude abster-se de ganhar ouro ou prata quando a aquisição não é justa?

MÊNON: — Claro que sim!

SÓCRATES: — Onde se segue que a pura e simples obtenção desses bens não é mais virtude do que a renúncia dos mesmos e nós chamaremos virtude tudo o que se faz com justiça, e vício, o que se faz sem aquelas qualidades? 79

MÊNON: — O teu raciocínio me parece irretorquível.

SÓCRATES: — Mas não havíamos dito, ainda há pouco, que cada uma dessas qualidades, como a justiça, a sobriedade, e outras, eram partes da virtude?

MÊNON: — Sim, dissemos.

SÓCRATES: — Então, Mênon, estás a zombar de mim!

MÊNON: — Como, caro Sócrates?

SÓCRATES: — Não te pedi, faz instantes, que não partisses a virtude em fragmentos e nem a trocasses em miúdo;

(13) Implícita ironia contra Mênon e sua família: "hóspede do grande rei" era o título honorífico que o rei dos persas concedia a políticos estrangeiros. A família de Mênon obteve este título como prêmio da traição a seus compatriotas quando da invasão de Xerxes. (n. t.)

(14) Sócrates tenta seguidamente trazer para o debate a noção de justiça que Mênon não evita mas que tenta esquecer. Parece que o ponto essencial da divergência de ambos é precisamente este: o de um homem pobre mas justo que é Sócrates e o de um homem que usa ainda o título de "hóspede do grande rei"... Não é possível estudar os diálogos sem ter em vista o seu aspecto político. Cf. Alain — "Idées". (n. r.)

ademaís, não te ofereci alguns exemplos que deviam servir-te de guia no que deverias fazer? E que fizeste? Não curaste disso e afirmaste: virtude é ser capaz de conseguir o bem com justiça, e justiça é uma parte da virtude!

MÊNON: — Que queres dizer?

SÓCRATES: — Que quero dizer? Que do que disseste resulta que a virtude consiste em pôr nas suas ações uma parte da virtude, pois a justiça, segundo afirmas, é uma parte de virtude. Que quero eu dizer? Quero dizer que te pedi me definisses a virtude por inteiro, mas tu, em vez disso, em vez de explicares o que é a virtude, vens e declaras que todo ato feito com uma parte da virtude é virtude, como se já me tivesses dito em que consiste a virtude e como se eu a pudesse reconhecer nos fragmentos com os quais a apresentaste. De modo que continuo a pensar, caro Mênon, que ainda e outra vez devemos indagar: que é a virtude? Ou, como antes, consideras suficiente dizer que cada ato feito com uma parte da virtude é a virtude? Mas é isto que diz quem exclama: cada ato feito com justiça é virtude! Ou crês que não devamos insistir na pergunta? Parece-te possível que alguém, que não saiba o que é a virtude, possa conhecer uma parte dela?

MÊNON: — Não, não acho.

SÓCRATES: — Bem. E hás de recordar que, quando procurávamos o conceito de figura, rejeitamos como imprestável a definição que ainda consistia no problema que estávamos a investigar e que ainda não havia sido resolvido.

MÊNON: — E creio, caro Sócrates, que fizemos muito bem em repudiá-la.

SÓCRATES: — Não deves, pois, meu amigo, imaginar que podes, quando ainda estamos à procura do que é a virtude em geral, e fazendo intervir as partes da virtude na tua resposta, explicar a virtude e tão pouco qualquer outra coisa que procures definir dessa maneira. É preciso que investiguemos de novo: que é essa virtude da qual falas? Julgas que estas minhas observações são justas?

MÊNON: — Tens razão.

SÓCRATES: — Pois bem; se é assim, responde-me então novamente: que é a virtude? Qual é a êsse respeito a opinião tua e a de teu amigo⁽¹⁵⁾?

(15) O amigo de Mênon ao qual Sócrates se refere é Górgias. (n. t.)

MÊNON: — Sócrates! Já muito tempo, antes de conhecer-te pessoalmente, eu sabia que nada mais fazes do que duvidar e despertar dúvidas no espírito dos outros! E é por isso que agora, segundo me parece, me tens aqui enganado e enfeitado e embruxado por ti, e cheio de dúvidas! Se me permites uma brincadeira direi que pelo teu corpo⁽¹⁶⁾ e por muitas outras características de teu ser, fica sabendo que és muito parecido com a tremelga do mar⁽¹⁷⁾: esta, com efeito, entorpece a quem quer que se lhe aproxime e toque e parece que me entorpeceste a mim! Estou, na verdade, com o corpo e o espírito entorpecidos, a ponto de não saber absolutamente o que devo responder-te. Sim, não sei o que deva responder-te, eu, que já tenho feito mil e um discursos sobre a virtude, muitas vezes, perante muitas pessoas, discursos que não tenho dúvida em dizer que foram ótimos! Mas neste momento estou inteiramente incapacitado de dizer o que é a virtude! Sim, creio que procedes com muito acerto evitando viajar fora de teu país: se fizesses coisa semelhante a esta em outra cidade, como estrangeiro, certamente que serias prêso como feitiçeiro!

SÓCRATES: — És hábil, Mênon, e por pouco que não me enganas com tuas palavras!

MÊNON: — Como, caro Sócrates?

SÓCRATES: — Bem sei por que motivo fizeste essa comparação!

MÊNON: — Por que motivo foi? Que é que pensas?

SÓCRATES: — Para que eu também te comparasse a qualquer objeto, pois sei que os belos gostam de ser comparados, porque belos serão os objetos com os quais se estabelece a comparação. Mas não te compararei a nada. Quanto a mim, porém, se a tremelga entorpece a si mesma quando entorpece aos outros, não tenho dificuldade em reconhecer que lhe sou semelhante; e só dessa maneira. Pois, se deixo aos outros perplexos, não é porque eu esteja seguro de mim; mas, justamente por estar mais cheio de dúvidas do que ninguém, é que deixo mergulhados em dúvidas os outros! E é exatamente o que agora acontece. Não sei o que é a virtude. Pode muito bem

(16) Alusão ao físico de Sócrates: êste, com efeito, tinha o abdome volumoso, o nariz achatado, a cabeça grande e calva — e por isso Mênon acha semelhantes o corpo de Sócrates e o da tremelga marinha. (n. t.)

(17) Êste peixe produz descargas elétricas e entorpece dêste modo a quem o toca; da mesma forma Sócrates, que paralisa inicialmente com sua dialética aqueles com quem conversa. (n. t.)

ser que antes de entrares em contato comigo soubesses o que ela era; atualmente, porém, não o sabes. Todavia, não obstante isso, eu desejaria investigar e examinar em tua companhia o que é a virtude!

MÊNON: — Mas de que modo, caro Sócrates, poderás procurar o que não conheces? Como procurar um objeto que nos é completamente desconhecido? E se o encontrares em tua frente, como poderás saber que se trata do objeto desconhecido e procurado?

SÓCRATES: — Compreendo, caro Mênon, o que queres dizer. Mas perceberás que estás a suscitar um árduo problema ao apresentares essa doutrina erística, segundo a qual o homem não pode procurar o que sabe, nem o que não sabe? **O** que sabe, é claro, não precisa procurar, porque sabe; e o que não sabe, não pode procurar, porque não sabe o que deve procurar.

MÊNON: — E não crês que é certa essa doutrina?

SÓCRATES: — Não.

MÊNON: — E poderias dizer-me por quê?

SÓCRATES: — Sim. Pois ouvi o que diziam homens e mulheres sábios em cousas divinas.

MÊNON: — E que diziam?

SÓCRATES: — Cousas verdadeiras, segundo penso, e belas!

MÊNON: — Que pessoas são essas que ouviste falar e que cousas então disseram?

SÓCRATES: — Sacerdotes e sacerdotisas, que se esforçavam por justificar o que faziam⁽¹⁸⁾. E, mais, Píndaro e muitos outros poetas, quero dizer, poetas divinos⁽¹⁹⁾. E eis o

(18) Teoria da reminiscência — Conjunto de hipóteses pelas quais Platão supõe uma existência anterior à atual. Nessa outra existência, a alma teria possuído uma ciência perfeita, teria contemplado as Idéias Puras. Assim, quando o nosso espírito hoje se instrui, se educa, ele nada mais faz do que lembrar-se dessas idéias puras que um dia contemplou, e apenas recorda, de um modo vago e nebuloso, aquilo que um dia contemplou com toda a perfeição. (n. r.)

(19) Sócrates, segundo certos autores, aqui parece querer insinuar que os poetas divinos são aqueles que, ultrapassando as leis comuns da razão, vão pedir, a uma força secreta, à inspiração, o estímulo de todo o seu trabalho. (n. r.)

que dizem: verifica se a linguagem deles te parece exata! Dizem que a alma do homem é imortal e que ora foge da vida, o que é falecer, e ora reaparece, entrando numa nova existência. Mas que jamais perece de modo absoluto, e que, por isso, devemos esforçar-nos por viver a vida mais piedosa possível.

“Pois quando Perséfone recebe dos mortos a penitência dos antigos pecados, envia suas almas para a luz do sol, ao cabo de nove anos; com estas almas formam-se os reis gloriosos e os homens poderosos pela força e os superiores pela sabedoria, celebrados, depois, pelos séculos todos unânimemente pelos homens como puros heróis⁽²⁰⁾”.

A alma, é pois, imortal; renasceu repetidas vezes na existência e contemplou todas as cousas existentes tanto na terra como no Hades e por isso não há nada que ela não conheça. Não é de espantar que ela seja capaz de evocar à memória a lembrança de objetos que viu anteriormente, e que se relacionam tanto com a virtude como com as outras cousas existentes. Toda a natureza, com efeito, é uma só, é um todo orgânico, e o espírito já viu todas as cousas; logo, nada impede que ao nos lembrarmos de uma cousa — o que nós, homens, chamamos de “saber” — todas as outras cousas acorram imediatamente e maquinalmente à nossa consciência. A nós compete unicamente nos esforçarmos e procurar sempre, sem descanso. Pois, sempre, toda investigação e ciência são apenas simples recordação. São estes, meu excelente Mênon, os motivos pelos quais não podemos dar razão à doutrina sofística. Além disso ela nos tornaria dentro de pouco tempo preguiçosos. Ela serve unicamente para os homens indolentes. A minha crença, pelo contrário, os faz ativos e os leva à pesquisa e ao trabalho. E, como estou convicto de que é verdadeira, irei de bom grado procurar contigo o que é a virtude.

MÊNON: — Seja, Sócrates! Entretanto, o que é que te leva a dizer que nada aprendemos e que o que chamamos de saber nada mais é do que recordação? Poderias provar-me isso?

A interrogação do escravo

82

SÓCRATES: — Não faz muito, excelente Mênon, que te chamei de habilidoso! Perguntas se te posso ensinar, quando

(20) Versos atribuídos a Píndaro. (n. t.)

agora mesmo afirmei claramente que não há ensino, mas apenas reminiscência: estás procurando precipitar-me em contradição comigo mesmo!

MÊNON: — Não, por Zeus, caro Sócrates! Não foi com essa intenção que fiz a pergunta, mas apenas levado pelo hábito. Todavia, se te é possível mostrar-me de qualquer modo que as cousas de fato se passam assim como o dizes, demonstremo, pois esse é o meu desejo!

SÓCRATES: — Não é uma tarefa fácil o que pedes; fá-la-ei, entretanto, de boa vontade, por se tratar de ti. Chama a qualquer um dos escravos que te acompanham, qualquer um que queiras, a fim de que por meio dele eu possa fazer a demonstração que pedes.

MÊNON: — Com prazer. (*Dirigindo-se a um de seus escravos moços*): Aproxima-te!

SÓCRATES: — Ele é grego e fala grego?

MÊNON: — Sim; nasceu em minha casa.

SÓCRATES: — Então, caro Mênon, presta bem atenção, e examina com cuidado se o que ele faz com meu auxílio é recordar-se ou aprender.

MÊNON: — Observarei com cuidado.

SÓCRATES: — (*Voltando-se para o escravo ao mesmo tempo que traça no solo as figuras necessárias à sua demonstração*): Dize-me, rapaz: sabes o que é um quadrado?

ESCRAVO: — Sei.

SÓCRATES: — Não é uma figura, como esta, de quatro lados iguais?

ESCRAVO: — E'.

SÓCRATES: — E estas linhas, que cortam o quadrado pelo meio, não são também iguais?

ESCRAVO: — São.

SÓCRATES: — Esta figura poderia ser maior ou menor, não poderia?

ESCRAVO: — Poderia.

SÓCRATES: — Se, pois, este lado mede dois pés e este também dois pés — quantos pés terá a superfície deste quadrado? Repara bem: se isto fôr igual a dois pés e isto igual a um pé, a superfície não terá de ser o resultado de uma vez dois pés?

ESCRAVO: — Terá.

SÓCRATES: — Mas este lado mede também dois pés; portanto, a superfície não é igual a duas vezes dois pés?

ESCRAVO: — E'.

SÓCRATES: — A superfície por conseguinte mede duas vezes dois pés?

ESCRAVO: — Mede.

SÓCRATES: — E quanto iguala duas vezes dois pés? Conta e dize!

ESCRAVO: — Quatro, Sócrates.

SÓCRATES: — E não nos seria possível desenhar aqui uma outra figura, com área dupla e de lados iguais como está?

ESCRAVO: — Sim, seria.

SÓCRATES: — E quantos pés, então, mediria a sua superfície?

ESCRAVO: — Oito.

SÓCRATES: — Bem; experimenta agora responder ao seguinte: que comprimento terá cada lado da nova figura? Repara: o lado deste mede dois pés — quanto medirá, então, cada lado do quadrado de área dupla?

ESCRAVO: — E' claro que mede o dôbro daquele.

SÓCRATES: — (*A Mênon*): Vês, caro Mênon, que nada ensino, e que nada mais faço do que interrogá-lo? Este rapaz agora pensa que sabe quanto mede a linha lateral que formará um quadrado de oito pés. És da minha opinião?

MÊNON: — Sou.

SÓCRATES: — Mas crês que ele de fato saiba?

MÊNON: — Não, não sabe.

SÓCRATES: — Mas ele está convencido de que o quadrado de área dupla tem também o lado duplo, não é?

MÊNON: — Está, sem dúvida.

SÓCRATES: — Observa como ele irá recordando pouco a pouco, de maneira exata. Responde-me (*disse voltando-se para o escravo*): tu dizes que uma linha dupla dá origem a uma superfície duas vezes maior? Compreende-me bem: não falo de uma superfície longa de um lado e curta do outro. O que procuro é uma superfície como esta, igual em todos os sentidos, mas que possua uma extensão dupla, ou mais exatamente, de oito pés. Repara agora se ela resultará do desdobramento da linha.

ESCRAVO: — Creio que sim.

SÓCRATES: — Será, pois, sobre esta linha que se construirá a superfície de oito pés, se traçarmos quatro linhas semelhantes?

ESCRAVO: — Sim.

SÓCRATES: — Desenhemos então os quatro lados. Esta é a superfície de oito pés?

ESCRAVO: — É.

SÓCRATES: — E agora? Não se encontram, porventura, dentro dela estas quatro superfícies, das quais cada uma mede quatro pés?

ESCRAVO: — É verdade!...

SÓCRATES: — Mas então? Qual é esta área? Não é o quádruplo?

ESCRAVO: — Necessariamente.

SÓCRATES: — O duplo e o quádruplo são a mesma coisa?

ESCRAVO: — Nunca, por Zeus!

SÓCRATES: — E que são, então?

ESCRAVO: — Duplo significa duas vezes; e quádruplo, quatro vezes.

SÓCRATES: — Por conseguinte, esta linha é o lado de um quadrado cuja área mede quatro vezes a área do primeiro?

ESCRAVO: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — E quatro vezes quatro dá dezesseis, não é?

ESCRAVO: — Exatamente.

SÓCRATES: — Mas, então, qual é o lado do quadrado de área dupla? Este lado dá o quádruplo, não dá?

ESCRAVO: — Sim.

SÓCRATES: — A superfície de quatro pés quadrados tem lados de dois pés?

ESCRAVO: — Tem.

SÓCRATES: — O quadrado de oito pés quadrados é o dobro do quadrado de quatro e a metade do quadrado de dezesseis pés, não é?

ESCRAVO: — É.

SÓCRATES: — E seu lado, então, não será maior do que o lado de um e menor do que o de outro desses dois quadrados?

ESCRAVO: — Será.

SÓCRATES: — Bem; responde-me: este lado mede dois pés e este quatro?

ESCRAVO: — Sim.

SÓCRATES: — Logo, o lado da superfície de oito pés quadrados terá mais do que dois e menos do que quatro pés.

ESCRAVO: — Tem.

SÓCRATES: — Experimenta então responder-me: qual é o comprimento desse lado?

ESCRAVO: — Três pés.

SÓCRATES: — Pois bem: se deve medir três pés, deveremos acrescentar a esta linha a metade. Não temos três, agora? Dois pés aqui, e mais um aqui. E o mesmo faremos neste lado. Vêl agora temos o quadrado de que falaste.

ESCRAVO: — Ele mesmo.

SÓCRATES: — Repara, entretanto: medindo este lado três pés e o outro também três pés — não se segue que a área deve ser três vezes três pés?

ESCRAVO: — Assim penso.

SÓCRATES: — E quanto é três vezes três?

ESCRAVO: — Nove.

SÓCRATES: — E quantos pés deveria medir a área dupla?

ESCRAVO: — Oito.

SÓCRATES: — Logo, a linha de três pés não é o lado do quadrado de oito pés, não é?

ESCRAVO: — Não, não pode ser.

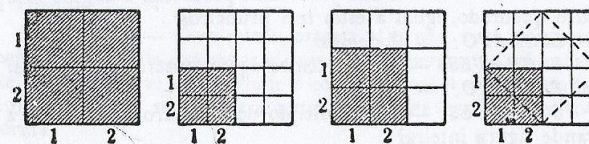
SÓCRATES: — E então? Afinal, qual é o lado do quadrado sobre que estamos discutindo? Vê se podes responder a isto de modo correto! Se não queres fazê-lo por meio de contas, traça pelo menos na areia a sua linha.

ESCRAVO: — Mas por Zeus! Sócrates, não sei⁽²¹⁾!

SÓCRATES: — (*Voltando-se para Mênon:*) Reparaste, caro Mênon, os progressos que a sua recordação fez? Ele de fato nem sabia e nem sabe qual é o comprimento do lado de um quadrado de oito pés quadrados; entretanto, no início da palestra, acreditava saber, e tratou de responder categoricamente, como se o soubesse; mas agora está em dúvida, e tem apenas a convicção de que não o sabe!

Observações
de Sócrates
sobre o in-
terrogatório
do escravo

(21) Estas figuras resumem o raciocínio a que, lentamente, Sócrates leva o escravo:



MENON: — Tens razão.

SÓCRATES: — E agora não se encontra êle, não obstante, em melhores condições relativamente ao assunto?

MENON: — Sem dúvida!

SÓCRATES: — Despertando-lhe dúvidas e paralisando-o como a tremelga, acaso lhe causamos algum prejuízo?

MENON: — De nenhum modo!

SÓCRATES: — Sim, parece-me que fizemos uma cousa que o ajudará a descobrir a verdade! Agora êle sentirá prazer em estudar êste assunto que não conhece, ao passo que há pouco tal não faria, pois estava firmemente convencido de que tinha tódá razão de dizer e repetir diante de todos que a área dupla deve ter o lado duplo!

MENON: — É isso mesmo.

SÓCRATES: — Crês que anteriormente a isto êle procurou estudar e descobrir o que não sabia, embora pensasse que o sabia? Agora, porém, está em dúvida, sabe que não sabe e deseja muito saber!

MENON: — Com efeito.

SÓCRATES: — Diremos, então, que lhe foi vantajosa a paralisação?

MENON: — Como não!

SÓCRATES: — Examina, agora, o que em seguida a estas dúvidas êle irá descobrir, procurando comigo. Só lhe farei perguntas: não lhe ensinarei nada! Observa bem se o que faço é ensinar e transmitir conhecimentos, ou apenas perguntar-lhe o que sabe. (*E, ao escravo*): Responde-me: não é esta a figura de nosso quadrado cuja área mede quatro pés quadrados? Vês?

ESCRAVO: — É.

SÓCRATES: — A êste quadrado não poderemos acrescentar êste outro, igual?

ESCRAVO: — Podemos.

SÓCRATES: — E êste terceiro, igual aos dois?

ESCRAVO: — Podemos.

SÓCRATES: — E não poderemos preencher o ângulo com outro quadrado, igual a êstes três primeiros?

ESCRAVO: — Podemos.

SÓCRATES: — E não temos agora quatro áreas iguais?

ESCRAVO: — Temos.

SÓCRATES: — Que múltiplo do primeiro quadrado é a grande figura inteira?

ESCRAVO: — O quádruplo.

SÓCRATES: — E devíamos obter o dôbro, recordas-te?

ESCRAVO: — Sim.

SÓCRATES: — E esta linha traçada de um vértice a outro de cada um dos quadrados interiores não divide ao meio a área de cada um deles?

ESCRAVO: — Divide.

SÓCRATES: — E não temos assim quatro linhas que constituem uma figura interior?

ESCRAVO: — Exatamente.

SÓCRATES: — Repara, agora: qual é a área desta figura?

ESCRAVO: — Não sei.

SÓCRATES: — Vê: dissemos que cada linha nestes quatro quadrados dividia cada um pela metade, não dissemos?

ESCRAVO: — Sim, dissemos.

SÓCRATES: — Bem; então, quantas metades temos aqui?

ESCRAVO: — Quatro.

SÓCRATES: — E aqui?

ESCRAVO: — Duas.

SÓCRATES: — E em que relação aquelas quatro estão para estas duas?

ESCRAVO: — O dôbro.

SÓCRATES: — Logo, quantos pés quadrados mede esta superfície?

ESCRAVO: — Oito.

SÓCRATES: — E qual é seu lado?

ESCRAVO: — Esta linha.

SÓCRATES: — A linha traçada no quadrado de quatro pés quadrados, de um vértice a outro?

ESCRAVO: — Sim.

SÓCRATES: — Os sofistas dão a esta linha o nome de diagonal e, por isso, usando êsse nome, podemos dizer que a diagonal é o lado de um quadrado de área dupla, exatamente como tu, ó escravo de Menon, o afirmaste.

ESCRAVO: — Exatamente, Sócrates!

SÓCRATES: — Que te pareceu, caro Menon? Êste rapaz, acaso, não me disse em resposta o que justamente pensava?

MENON: — Sim, o que êle próprio pensava.

SÓCRATES: — E entretanto, como dizíamos há pouco, êle nada sabia dessas cousas.

MÊNON: — Tens razão.

SÓCRATES: — Mas já não se achavam êsses conhecimentos no seu íntimo?

MÊNON: — Achavam-se.

SÓCRATES: — Portanto, em todos aquêles que não sabem o que são certas cousas, se encontra o conhecimento verdadeiro dessas cousas.

MÊNON: — Assim parece.

SÓCRATES: — E tais conhecimentos foram despertados nêle como de um sono; e creio que se alguém lhe fizer repetidas vêzes e de várias maneiras perguntas a propósito de determinados assuntos, êle acabará tendo uma ciência tão exata como a de qualquer pessoa da boa sociedade.

MÊNON: — É provável.

SÓCRATES: — Êle acabará sabendo, sem ter possuído mestre, graças a simples interrogações, extraindo os conhecimentos do seu próprio íntimo.

MÊNON: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — Mas, êste ato de extrair a ciência de si mesmo não é precisamente recordar?

MÊNON: — É.

SÓCRATES: — E essa ciência que êle agora possui, êle a adquiriu em alguma ocasião, ou sempre a teve?

MÊNON: — Sim.

SÓCRATES: — Ora, se sempre possuiu o conhecimento, sempre soube? E se o adquiriu em alguma ocasião, não foi nesta vida. Ou, acaso, alguém ensinou geometria a teu escravo? Aliás, êste repetirá a propósito de tôdas as demais ciências o que acaba de fazer em relação à geometria. E então, quem foi que o instruiu relativamente às ciências? Bem podes responder-me, pois êste homem nasceu, como me disseste, em tua casa, e aí cresceu.

MÊNON: — Ninguém, com efeito, asseguro-te, lhe ensinou nada.

SÓCRATES: — E, todavia, êle efetivamente possui tais conhecimentos; ou acaso achas que não?

MÊNON: — Sim, caro Sócrates; é manifesto que os possui.

SÓCRATES: — Entretanto, se êste escravo, como me asseguras, não adquiriu os conhecimentos que possui no curso de sua vida atual, não devemos concluir daí que êle os deve ter tido e adquirido em algum outro tempo?

MÊNON: — É provável.

SÓCRATES: — E tal tempo não será o tempo em que êle ainda não era homem?

MÊNON: — Sim.

SÓCRATES: — Ora, se antes e durante sua vida êste escravo nada aprendeu, é porque nêle há conhecimentos que, despertados pela interrogação, se transformam em conhecimentos científicos. É certo, pois, que sua alma sempre os possui. É claro que a existência e não apenas a existência do homem reúne toda a duração.

MÊNON: — É.

SÓCRATES: — Portanto, se sempre e em todos os tempos se encontra em sua alma a verdade das cousas, não se segue daí que a alma é imortal? Se assim é, caro Mênon, enche-te de coragem e procura sem receio, sem descanso o que atualmente não sabes, isto é, aquilo de que perdemos a lembrança e esforcemo-nos para o descobrir e de nos lembrarmos novamente dessas cousas.

MÊNON: — Parece-me que tens razão, caro Sócrates! embora eu não saiba como.

SÓCRATES: — O mesmo digo eu, Mênon; e por isso não pretendo afirmar de modo absoluto que essa teoria é verdadeira. Uma cousa, entretanto, posso afirmar e provar com palavras e atos: é que nos tornamos melhores, mais ativos e menos indolentes, se cremos que é um dever procurar o que ainda não sabemos, do que se considerarmos impossível e estranho ao nosso dever a busca da verdade desconhecida. Isto sustento contra todos, pelos meus discursos e pelas minhas ações, tanto quanto isso me seja possível!

MÊNON: — Creio que tens razão, Sócrates!

SÓCRATES: — Por conseguinte, caro Mênon, acabamos de ficar de acôrdo sobre um ponto: devemos procurar o que não sabemos. Estás disposto, então, a procurar comigo o que é a virtude?

MÊNON: — Com muito prazer! Mas não, caro Sócrates, perdão! Preferiria examinar e ouvir o que perguntei no início de nossa palestra: se a virtude é cousa ensinável, ou se é dada aos homens na sua própria natureza, ou de qualquer outra forma.

O problema
da virtude

SÓCRATES: — Se eu, caro Mênon, governasse não só a mim mas a ti também, sem dúvida que não haveríamos de examinar se a virtude é ensinável ou não, antes de saber o que é a virtude! Mas tu, para demonstrares que és um homem livre, não tratas de te governar a ti mas preferes governar-me; e o consegues, de fato! Vou obedecer-te. Que queres que faça? Que procuremos *como* é uma coisa, sem saber preliminarmente o que ela é. Vamos, salvo engano meu, procurar descobrir a qualidade de uma coisa cuja natureza ignoramos. Consente, todavia, ó Mênon, em conceder-me um pouco de liberdade, e permite que eu examine, por meio de uma hipótese, se a virtude pode ser ensinada ou não. Vou explicar, porém, o que entendo por uma hipótese. Uso a expressão dos geômetras. Quando se pergunta aos matemáticos se é possível numa dada superfície inscrever um triângulo num círculo, o geômetra dirá: "Não sei ainda se essa superfície se presta para isso. Creio, porém, a fim de determinar isso, que é possível raciocinar, por hipótese, da seguinte maneira: se tais condições se apresentam o resultado será este e em tais outras condições será aquele (22). Dêsse modo, por hipótese, o que acontecerá quanto ao problema da inscrição do triângulo num círculo poderá ser possível ou não.

Para que
se possa
ensinar
a virtude

O mesmo faremos com a virtude; e assim é que, a seu respeito, embora ainda não saibamos nem o que ela é, nem como é, tentaremos examinar por hipótese se é ensinável ou não. Qual deva ela ser, entre as diferentes coisas que se relacionam com a alma para que possa ser ensinada, ou não. Se, com efeito, ela é de outra natureza que a ciência, poderá ser ensinada, ou, como dissemos há pouco, é suscetível de reminiscência? E' indiferente que usemos essas duas expressões: são sinônimas. O que nos importa é saber se ela pode ser ensinada! Mas não é claro para todo o mundo que o homem não pode lecionar outra coisa que não a ciência?

MÊNON: — É evidente que só pode ser ensinado o que é ciencial

SÓCRATES: — Portanto, se a virtude é uma ciência, é claro que pode ser ensinada.

MÊNON: — Certo.

(22) Os autores especializados na exegese da filosofia de Platão concordam todos que este é um dos trechos mais difíceis e obscuros de Platão. (n. r.)

SÓCRATES: — Estamos, pois, de acôrdo sobre um ponto. E' que se a virtude é uma ciência, poderá ser ensinada; se não, não.

MÊNON: — De acôrdo.

SÓCRATES: — Procuremos, então, saber se a virtude é ou não uma ciência.

MÊNON: — Sim, parece-me também que é o que devemos examinar.

SÓCRATES: — Então? Não dissemos há instantes que a virtude é um bem? E não devemos reter essa hipótese de que ela é um bem?

MÊNON: — Devemos.

SÓCRATES: — Ora, se é possível a existência de um bem distinto da ciência, pode muito bem ser que a virtude não seja uma ciência; mas, se não houver nenhum bem que não seja abrangido pela ciência, segue-se que está certa a nossa hipótese de que a virtude é uma ciência. Não te parece?

MÊNON: — Necessariamente.

SÓCRATES: — Agora: é por meio da virtude que somos bons?

MÊNON: — É.

SÓCRATES: — E se somos bons, obtemos vantagens, pois tudo o que é bom é vantajoso também; não é?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Logo, a virtude é coisa útil?

MÊNON: — É o que se deduz necessariamente do que vimos afirmando.

SÓCRATES: — Vejamos então, cuidadosamente, o que é útil para nós! Ora, tais são, como dizíamos, a saúde, a força, a beleza e a riqueza. A estas e a outras cousas semelhantes chamamos de úteis, não foi?

MÊNON: — Com efeito.

SÓCRATES: — Mas dizemos, também, que às vezes essas mesmas cousas nos são prejudiciais; não dizemos?

MÊNON: — Sem dúvida!

SÓCRATES: — Examina, então, como cada uma dessas cousas é usada quando nos é útil, e quando nos é prejudicial! Não dizemos, acaso, que nos são vantajosas quando lhes damos o uso correto, e que nos são nocivas no caso contrário?

A virtude
é ciência

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Examinemos, do mesmo modo, as qualidades que se relacionam com a alma. Há aí alguma coisa a que chamas de temperança, justiça, coragem, inteligência, memória, generosidade, e assim por diante?

MÊNON: — Sim, Sócrates.

SÓCRATES: — Observa, dentre essas cousas, se as que julgas distintas e diferentes da ciência, não são ora nocivas, ora úteis. Tomemos por exemplo a coragem: se ela não se baseia na inteligência, não passa de uma espécie de audácia; ora, não é verdade que o homem sem raciocínio, mesmo valente, é prejudicado; ao passo que o corajoso, com inteligência, só obtém vantagens?

MÊNON: — E' verdade.

SÓCRATES: — O mesmo podemos dizer da temperança e da própria inteligência que, empregadas e exercidas com reflexão, são úteis, e que, de modo irrefletido, só causam prejuízos?

MÊNON: — Com efeito.

SÓCRATES: — Podemos concluir, portanto, ao que me parece, que tudo aquilo que diz respeito à alma quando é submetido à razão, conduz à felicidade. Quando a razão aí não está a dirigir, dá-se o contrário.

MÊNON: — E' isso mesmo!

SÓCRATES: — Logo, se a virtude é uma qualidade da alma e necessariamente útil, ela só pode ser razão. Pois todas as qualidades espirituais não são em si mesmas nem úteis nem nocivas, mas se tornam uma ou outra coisa quando exercidas com juízo ou sem juízo; e, conforme este raciocínio, a virtude, sendo em si mesma útil, só pode ser uma espécie de juízo. Não pensas assim?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Consideremos, agora, da mesma forma, as demais cousas, a riqueza e outras semelhantes, que dizíamos há pouco serem, ora úteis, ora nocivas. E não dizemos que, assim como as qualidades da alma se tornam úteis quando regidas pela razão e nocivas, quando não — assim também não afirmaremos que o correto uso destes bens materiais os faz úteis, e que seu uso errôneo os torna prejudiciais?

MÊNON: — Como não!

SÓCRATES: — Uso correto é, pois, uso racional, e uso errôneo, uso irracional?

MÊNON: — Perfeitamente.

SÓCRATES: — Podemos, portanto, dizer, de um modo geral, que no homem tudo depende da alma, e que a própria alma depende da razão, condição indispensável para que ela seja boa. Ora, como consequência disto, temos que o útil é o racional. Mas não dissemos que virtude é o que é útil?

MÊNON: — Dissemos.

SÓCRATES: — Logo, podemos concluir que a virtude é a razão, no todo ou em parte.

MÊNON: — Creio, Sócrates, que tuas palavras são perfeitamente certas.

SÓCRATES: — Mas, se admitirmos isso, temos que os bons não são bons por natureza.

MÊNON: — Efetivamente.

SÓCRATES: — Pois, se tal se desse, eis o que me parece que aconteceria. Se os bons fossem bons por natureza, haveria homens capazes de reconhecer entre os jovens aqueles que tivessem nascido bons. Seguindo, então, suas indicações, recolheríamos os jovens bons e os manteríamos muito bem guardados na Acrópole com muito mais cuidado do que o próprio tesouro público, a fim de que ninguém os pudesse perverter, para que, chegados à idade conveniente, fossem úteis ao Estado!

MÊNON: — Naturalmente, caro Sócrates.

SÓCRATES: — Todavia, caro Mênon, os bons infelizmente não são bons por natureza; logo, só o podem ser pela educação, não é?

MÊNON: — E' claro; e além disso, caro Sócrates, como consequência de nossa hipótese, temos necessariamente que a virtude, sendo uma ciência, pode ser ensinada.

SÓCRATES: — Talvez, por Zeus! talvez, mas tenho medo de admitir facilmente essa proposição!

MÊNON: — Comol! Agora mesmo deste a entender que era verdadeira!

SÓCRATES: — Sim; mas não basta que nos tenha parecido certa há pouco — é necessário que a tenhamos por tal ainda neste momento e que continue a parecê-lo sempre!

MÊNON: — Mas por que motivo essa afirmação não te satisfaz neste momento, e duvidas dela?

SÓCRATES: — Vou dizer-te, caro Mênon. Não duvido de que a virtude seja ensinável, se ela é uma ciência. Mas examina se não tenho razão de duvidar que a virtude seja uma ciência.

cia. E diz-me: se é possível ensinar-se uma ciência qualquer, e não só a virtude, não é certo que deve haver professores que ensinem tal ciência e alunos que a estudem?

MÊNON: — Claro.

SÓCRATES: — E, ao contrário, se não existissem nem professores nem alunos de tal ciência, não poderíamos legitimamente concluir que tal coisa não pode ser ensinada?

MÊNON: — Sim, claro. Mas acreditas, caro Sócrates, que não há professores de virtude?

SÓCRATES: — Muitas e repetidas vezes, excelente Mênon, tenho procurado encontrar quem ensine a virtude — mas em vão, pois jamais encontrei tais professores! E tenho buscado em companhia de muitos outros e exatamente daqueles a quem considero como os mais ilustres nessa matéria. Mas eis que em boa hora, caro Mênon, Anito vem ter conosco. É preciso que o associemos à nossa palestra, pois Anito é filho do rico e sábio Antêmion, que adquiriu sua grande fortuna pela inteligência e pelo trabalho, e não por dádiva de outrem como o tebano Ismênias⁽²³⁾, que há pouco tempo recebeu de presente uma fortuna igual à de Polícrates⁽²⁴⁾. Além disso, o pai de Anito tem fama de não ser um cidadão orgulhoso, arrogante e soberbo, mas cativante e afável⁽²⁵⁾. Este homem educou e instruiu bem seu filho Anito, segundo a opinião da maioria dos atenienses, que o elegem para os mais importantes cargos políticos. E com homens de tais predicados está claro que é útil discutir se há ou não professores de virtude, e quais são estes.

Assim, pois, ó Anito, ajuda-nos a mim e a teu hóspede Mênon a resolver um problema relativo à virtude. Quais são os mestres que a ensinam? Compreende bem o sentido da minha pergunta: se desejássemos que Mênon se tornasse um bom médico, a que mestres o remeteríamos? Aos médicos, não é?

(23) Ismênias: conhecidíssimo por se haver vendido aos persas, de cujo rei recebeu uma grande fortuna. (n. t.)

(24) Polícrates: tirano de Samos, proverbial por sua grande riqueza e por sua sorte. (n. t.)

(25) Escapa a Sócrates a mordaz ironia encapada na comparação que se estabelece entre o pai de Anito e Ismênias: pois é elogio duvidoso dizer que o pai de Anito é, sem contestação, melhor do que um perfeito ladrão. (n. t.)

ANITO: — Evidentemente.

SÓCRATES: — E se quiséssemos torná-lo um bom sapateiro? Aos sapateiros, não é verdade?

ANITO: — Claro.

SÓCRATES: — E da mesma forma para qualquer outra profissão, não achas?

ANITO: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — Dize, então, uma coisa: afirmamos que devíamos enviá-lo aos médicos se quiséssemos fazer dele um bom médico. Falando desse modo, quisemos dizer que seria prudente enviá-lo àqueles que se dedicam a essa arte e que, cobrando uma remuneração, se oferecem como mestres dela a todos os que desejam tomar as suas lições e não a qualquer outro que não faça profissão de mestre?

ANITO: — Exatamente.

SÓCRATES: — E não sucede a mesma coisa com a arte de tocar flauta e as outras disciplinas? Se quisermos tornar alguém bom flautista, sem dúvida que devemos enviá-lo aos que se propõem lecionar esta arte e pedem pagamento por isso. Pois não seria, acaso, enorme imprudência incomodar pessoas alheias a isso e procurar instrução com quem não pretende ser professor da matéria, nem possui alunos daquilo que nosso amigo deseja aprender? Não seria, de fato, um absurdo?

ANITO: — Por Zeus, que sim! E, mais ainda, falta de juízo!

SÓCRATES: — Assim é, realmente. Agora poderás discutir comigo e com teu hóspede Mênon sobre o assunto de que nos ocupávamos. Mênon, com efeito, meu caro Anito, de há muito que manifesta grande desejo de possuir aquela sabedoria e virtude por meio da qual os homens administram bem suas casas e os Estados⁽²⁶⁾, cuidam de seus progenitores e sabem receber e despedir compatriotas e estrangeiros, de um

(26) Bem administrar a casa (economia) e os estados (política), era a fórmula que resumia, ao tempo de Sócrates, a *virtude* ou *virtude política*. Todo o ensinamento dos sofistas visava isso. Desde esse tempo se verifica, assim, a importância da inteligência em relação aos negócios políticos. As relações entre a filosofia e a política se manifestam, pois, — como se vê aqui, — desde os primeiros tempos da cultura filosófica. Razão tinha, pois, A. Thibaudet quando escrevia que “a política são as idéias”. Uma política sem idéias é simplesmente confusão, caos. (n. r.)

modo digno, como convém a um homem honesto. A quem poderíamos enviá-lo para aprender essa virtude? Não é evidente, segundo o que acordamos há pouco, que deveremos encaminhá-lo àqueles homens que pretendem ser professores de virtude, e que nela instruem os gregos que lhes tomam as lições, e que exigem paga por esse ensino?

ANITO: — A que homens, ó Sócrates, estás a referir-te?

SÓCRATES: — Àqueles, bem, o sabes, a quem dão o nome de sofistas.

ANITO: — Por Hércules, Sócrates! Não digas isso! Faço veementes votos para que nenhum dos meus parentes, conhecidos e amigos, seja compatriota ou seja estrangeiro, cometa a insânia de procurar essa gente, que só sabe perverter! Os sofistas são uma peste e uma perdição para quem com eles entra em contato!

SÓCRATES: — Mas que dizes, Anito! Entre todos os que fazem profissão de ser úteis aos homens, só os sofistas não os tornam melhores, e até os pioram? E se atrevem a pedir pagamento por isso? Palavra que não sei como acreditar no que dizes! Pois conheço um homem, Protágoras, que ganhou mais dinheiro com a profissão de sofista do que o próprio Fídias, que nos deu tão belas obras. Sim, é estranho o que afirmas! Enquanto os que se ocupam a remendar sapatos, ou um revendedor de trajes velhos, jamais poderiam devolvê-los em pior estado do que os receberam, sem que isso fôsse conhecido de toda a gente em menos de trinta dias e sem caírem eles em descrédito, acabando finalmente por morrer de fome. Protágoras, ao contrário, enganou e corrompeu durante mais de quarenta anos a Grécia inteira, pervertendo todos os alunos que o frequentaram e mandando-os para casa piores do que os recebera; creio que este homem faleceu quando tinha seus setenta anos, depois de haver exercido, como disse, por mais de quarenta anos a profissão de sofista. E, não obstante, sua excelente fama ainda não desapareceu! E o mesmo se pode dizer não só a propósito de Protágoras, mas igualmente de muitos outros, tanto dos que viveram antes dele como dos que ainda vivem. Mas, afinal, que queres dizer? Que esses homens conscientemente enganam e corrompem os jovens, ou que se enganam a si próprios? Mas havemos de considerar, assim, como loucos insensatos a homens que todo o mundo considera sábios?

ANITO: — Não, caro Sócrates, eles não são loucos. Loucos são os moços que lhes dão dinheiro; mais loucos, os pais

e parentes que enviam os jovens a estudar com os sofistas; e mais loucos ainda, os Estados que lhes permitem entrar em seu território e percorrê-los, em vez de os expulsarem, tanto aos estrangeiros como aos cidadãos que fazem profissão de sofista!⁽²⁷⁾

SÓCRATES: — Terias sido, caro Anito, pessoalmente ofendido por algum sofista? Por que tamanho ódio contra eles?

ANITO: — Por Zeus! jamais tive qualquer contato com essa gente, e jamais permitiria isso a pessoas de minha família!

SÓCRATES: — Logo, não conheces esses homens?

ANITO: — E pretendo continuar a desconhecê-los!

SÓCRATES: — Interessante! Se é assim, se não os conheces, como podes saber se é bom ou mau o trabalho dos sofistas?

ANITO: — Simplesmente porque sei o que são e o que valem esses homens, pouco importando se os conheço ou não.

SÓCRATES: — Talvez sejas adivinho, Anito! Pois, pelo que me dizes, só consigo admitir que saibas o que eles são, se fôres adivinho! Entretanto, deixemos isso de lado; não nos interessa procurar as pessoas a quem Mênon não poderia frequentar sem se tornar pior. É possível que os sofistas sejam assim como dizes; presta, todavia, ó Anito, um obséquio a este amigo de tua família, e dize-lhe quais são os homens nesta grande cidade a quem ele deve procurar, para fazer progressos na virtude de que há pouco te falei.

ANITO: — Por que não lho dizes tu mesmo?

SÓCRATES: — Porque mencionei há pouco aqueles a quem considerava como professores de virtude, e afirmaste que eu não estava certo. Pode ser que tenhas razão. Compete, portanto, a ti indicar a quem dentre os atenienses deve ele dirigir-se! Vamos, dize o nome daquele que preferes.

ANITO: — Mas por que o nome de um indivíduo? Basta que ele frequente qualquer um dos bons e honestos atenienses que encontre, que o ouça, e este o fará progredir muito mais do que os sofistas o fariam.

SÓCRATES: — Mas esses atenienses a quem te referes se tornaram honestos e bons por si mesmos, sem aprendê-lo.

(27) Anito revela de modo muito claro o ódio do homem político fanático contra os agitadores de idéias. Anito demonstra, neste quadro de Platão, o seu ódio contra os sofistas, entre os quais ele inclui Sócrates. (n. r.)

de ninguém? E são capazes de ensinar aos outros o que eles próprios não aprenderam?

93 **ANITO:** — Creio que aprenderam com os homens bons e honestos do passado. Ou afirmarás, acaso, que em nossa cidade não havia outrora muitos que eram bons?

SÓCRATES: — E' claro que estou convencido, caro Anito, de que existem aqui bons políticos, e que os havia. Mas esses serão também bons professores da virtude que possuem? O que de momento nos interessa investigar, não é saber se houve aqui bons homens ou não, nem se ainda os há, mas esclarecer se a virtude pode ser ensinada. O que discutamos há muito e o que procuramos é se os bons homens que viveram em tempos passados, assim como os de nossa época, souberam transmitir a outrem a virtude pela qual se distinguiram — ou, quem sabe, a virtude é coisa que não pode ser transmitida, nem recebida? E' disto que se trata! Mas vejamos qual é, a este respeito, a tua própria opinião. Dizes que Temístocles era um excelente homem?

ANITO: — Sem dúvida, e um dos melhores entre todos!

SÓCRATES: — Dizes, igualmente, que ele foi um excelente professor, se alguma vez o houve, de virtude?

ANITO: — Sim.

SÓCRATES: — Crês que ele não desejaria que outros por sua vez se tornassem bons, e em primeiro lugar o próprio filho? Ou pensas, pelo contrário, que não sentia nenhum amor pelo filho, e que muito propositadamente se absteve de transmitir-lhe a virtude que possuía? Não ouviste, acaso, dizer que Temístocles mandou ensinar a seu filho Cleofanto a arte da equitação? Não sabes que este se mantinha em pé, firme, sobre o cavalo, e que sabia atirar a lança nessa posição e fazia outras tantas proezas igualmente admiráveis que aprendera com o pai, que este lhe ensinara tudo quanto podia depender de um bom mestre? Os anciãos não te referiram tudo isto?

ANITO: — Ouvi dizer, sim.

SÓCRATES: — Ninguém, portanto, poderá dizer que seu filho era mau por natureza?

ANITO: — Não me parece possível.

SÓCRATES: — Mas de que modo, então, explicas isto: já te aconteceu ouvir da boca de alguém, jovem ou velho, que Cleofanto, filho de Temístocles, possuía as mesmas qualidades que deram fama a seu pai?

ANITO: — Certamente que não!

SÓCRATES: — Se a virtude pudesse ser ensinada, deveríamos acaso supor que Temístocles quis transmitir a seu filho todas as demais cousas, exceto a virtude, que era o que em mais alto grau prezava? Não obstante toda a sua sabedoria, não soube ser melhor do que o comum dos outros. Deveremos crer em tal?

ANITO: — Não, certamente.

SÓCRATES: — E foi todavia um mestre de virtude, que tu próprio concordaste em colocar entre os melhores de outro- 94 ra! Mas vejamos outro: Aristides, filho de Lisímaco. Negas-lhe virtude?

ANITO: — Absolutamente!

SÓCRATES: — Pois bem. Este também tinha um filho, Lisímaco, a quem instruiu tanto quanto podia; e, não obstante isso, crês que Lisímaco se tornou melhor do que qualquer outro ateniense? Tu o conheces, e bem sabes como ele é. E Péricles, esse homem tão famoso por sua sabedoria, sabes que igualmente possuía dois filhos, Paralo e Xantipo?

ANITO: — Sei.

SÓCRATES: — Saberás, então, que Péricles mandou instruir seus filhos em equitação, em música, em ginástica e em tudo quanto se relaciona com a arte, a tal ponto que nenhum ateniense os suplanta. Crês, todavia, que no que se refere à virtude não os quis fazer bons? Quanto a mim, parece-me evidente que o quis, mas suspeito que esse assunto não era daqueles que se pudessem ensinar. Não penses, porém, que foram apenas poucos ou talvez os mais humildes dentre os atenienses que se mostraram impotentes em relação a isso; recorda-te, com efeito, de Tucídides (28) que teve também dois filhos, Melésias e Estéfano, aos quais instruiu em todas as disciplinas, e sobretudo na luta, em que foram os mais hábeis entre todos os atenienses; confiou um deles a Xantias, e outro a Eudoro, que eram tidos como os mais fortes lutadores de seu tempo; recordas-te?

ANITO: — Sim, contaram-me isso.

SÓCRATES: — Pois bem; como poderemos acreditar que Tucídides, que mandou dar a seus filhos uma instrução tão dispendiosa, se recusasse a fazer com que os instruissem tam-

(28) Este Tucídides é o antagonista político de Péricles e não o historiador. (n. r.)

bém na virtude, que não exige paga, se fôsse ensinável? Talvez penses que Tucídides era pobre, de baixa condição e sem amigos, tanto entre os gregos como entre os estrangeiros? Pois muito pelo contrário! Pertencia a uma nobre família e teve, como ninguém, um grande número de amigos em toda a Grécia. Assim, pois, mesmo que para isso não lhe houvesse sobrado tempo de suas ocupações políticas, ele poderia ter instruído seus filhos na virtude, confiando-os a um cidadão ou a um estrangeiro que os ensinasse a ser homens bons — se isso fôsse ensinável! Mas é de recear, caro amigo Anito, que a virtude não seja coisa ensinável.

ANITO: — Sócrates, dá-me a impressão de estares com levandade a difamar essas pessoas. Por isso, se queres ouvir um conselho, aqui o tens: toma tento contigo. Talvez em todos os países seja mais fácil fazer mal às pessoas do que bem; disso estou certo, tu bem o sabes.

95 SÓCRATES: — Parece, caro Mênon, que Anito saiu furioso; e isso não me espanta: pois crê, antes de tudo, que estou a falar mal de todas essas personagens e, depois, tem-se como uma delas. No dia, porém, em que ele venha a saber o que é caluniar, então se acalmará; mas, por ora, não o sabe ⁽²⁹⁾. Deixemos isso de lado, entretanto, e diz-me: em tua pátria não há homens bons e honestos?

MÊNON: — Há, sim.

SÓCRATES: — Pois bem! E se encarregam de dar lições aos moços, afirmando que são mestres de virtude, e que a virtude pode ser ensinada?

MÊNON: — Por Zeus, que não! Poderás, pelo contrário, caso Sócrates, ouvi-los dizer, ora que a virtude é insinável, ora que não o é.

SÓCRATES: — E achas que devemos ter como mestres dessa matéria, homens que têm essa opinião?

MÊNON: — Creio que não, caro Sócrates.

SÓCRATES: — E esses sofistas, que são os únicos a se apresentarem como professores de virtude, — crês que de fato o sejam?

MÊNON: — Ouve, Sócrates: o que sobretudo me agrada em Górgias é o fato dele, muito ao contrário de se apre-

(29) Provável alusão ao processo fatal movido contra Sócrates: as calúnias concorreram fortemente para causar a condenação do filósofo. (n. t.)

sentar com tais promessas, zombar de todos os que as fazem. E, aliás ao seu ver, a única coisa que se deve fazer é formar bons oradores.

SÓCRATES: — Assim, então, não consideras os sofistas como mestres de virtude?

MÊNON: — Confesso que nada posso responder com segurança, Sócrates. Sinto como a maioria das outras pessoas; e ora digo que sim, ora digo que não.

SÓCRATES: — Sabes que não sois os únicos, tu e os políticos, a variar continuamente de opinião a respeito deste assunto? Sabes que o próprio poeta Teógnis faz o mesmo?

MÊNON: — Em que poemas?

SÓCRATES: — Nas elegias, onde declara:

“Bebe, come e vive bem com aqueles cujo poder é grande. Dos bons aprenderás o bem; e com os maus, se com eles te mesclares, acabarás perdendo o que tens de bom”.

Notas que ele, neste trecho, fala da virtude como de coisa ensinável?

MÊNON: — Sim, de fato.

SÓCRATES: — Todavia, nessa mesma poesia, uns poucos versos além, vem ele a dizer:

“Se possível fôsse fabricar razão e colocá-la no homem, grande fortuna ganhariam os que esse segredo possuísem.”

E, mais adiante:

“Nunca um bom pai teria um filho mau, se este fôsse dócil aos sábios conselhos; mas jamais farás bom, com simples lições, a um homem que seja mau ⁽³⁰⁾”.

Vês como se contradiz?

MÊNON: — É verdade.

SÓCRATES: — Poderias tu dizer-me alguma coisa mais sobre esse assunto da virtude? Aquêles que se apresentam como mestres, longe de serem considerados mestres dos outros, são considerados, ao contrário, como ignorantes e mal informados no próprio assunto em que querem passar por sábios. Aquêles que consideramos hábeis e honestos afirmam que a virtude

(30) Teógnis, poeta gnômico, (sentencioso), que teria vivido exilado em Tebas, por volta de 540 a. C. (n. r.)

tanto pode ser ensinada como não. Podes achar que são mestres aquêles que nem sequer estão de acôrdo consigo?

MÊNON: — Claro que não.

SÓCRATES: — Por conseguinte, se nem os sofistas, nem os homens bons e honestos podem ensinar esta matéria, é evidente que ninguém mais o poderá; não achas?

MÊNON: — Sim.

SÓCRATES: — E, não havendo professores, não pode haver alunos?

MÊNON: — Tens razão.

SÓCRATES: — Ora, não deixamos dito, há pouco, que não pode ser ensinada uma disciplina de que não há nem professores nem alunos?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Ora, da virtude não há professores?

MÊNON: — Não.

SÓCRATES: — Logo, nem alunos?

MÊNON: — Necessariamente.

SÓCRATES: — Portanto, a virtude não é ensinável!

MÊNON: — Sim, segundo nossas afirmações, não é. Esta conclusão, todavia, caro Sócrates, me perturba um pouco, e chego mesmo a perguntar se de fato há homens bons, e, se os há, de que modo conseguem sê-lo?

SÓCRATES: — Suspeito, caro Mênon, que ambos não passamos de fracos raciocinadores, e que mal aproveitamos as lições que recebemos, tu, de Górgias, e eu, de Pródico ⁽³¹⁾. Por isso devemos, antes de tudo, volver a atenção sobre nós mesmos e procurar alguém que de qualquer forma nos torne melhores. Pois agora reparo — como isso é ridículo! — que em nossa discussão de há pouco nos esquecemos por completo de que não é exclusivamente a ciência que nos dirige no bom êxito de nossas ações! Foi por este motivo, sem dúvida, que não conseguimos descobrir o modo como se fazem os bons homens.

(31) Górgias — sofista grego, discípulo, ao que se afirma, de Empédocles. Nascido em Leontium (Sicília), em 487 a. C. Foi um dos primeiros fundadores de escolas de retórica (cf. o texto). (n. r.)
Pródico — outro sofista grego, discípulo de Protágoras. Foi, parece, mestre de eloquência em Atenas.

Afirmam alguns (e Platão também, como se verifica neste texto) que Pródico foi mestre de Sócrates. Como o seu discípulo, Pródico também foi condenado a beber a cicuta. (n. r.)

MÊNON: — Que queres dizer, Sócrates?

SÓCRATES: — Eu me explico: estamos de acôrdo em que os homens bons devem ser capazes de fazer uma obra útil, não é?

MÊNON: — É.

SÓCRATES: — Concordamos, também, em que êsses homens são úteis, se são capazes de bem cuidar de nossos interesses?

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Isso, porém, não nos leva a afirmar que só cuidam bem de nós aquêles que são guiados pela ciência?

MÊNON: — Que queres dizer?

SÓCRATES: — Isto: se alguém, que conhece o caminho que leva a Larissa, ou a qualquer outra cidade, se põe em marcha e para lá conduz os viajantes — não diremos que os conduziu bem?

MÊNON: — Sem dúvida!

SÓCRATES: — E se um outro, que nunca lá foi, sem absolutamente conhecer a rota, não obstante a encontra, por uma conjectura, por uma *opinião* — não diremos da mesma forma, que êsse também para lá os conduziu corretamente?

MÊNON: — Como não!

SÓCRATES: — Assim pois, enquanto suas conjecturas são exatas êle será, com sua *opinião*, tão bom guia como o outro com sua *ciência*.

MÊNON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Logo, a opinião verdadeira não é pior guia do que a ciência no que respeita à justeza das ações — e foi justamente isto o que olvidamos quando fizemos a análise das qualidades da virtude. Dissemos, então, que só a ciência, que só o juízo produz boas obras; agora sabemos que a opinião acertada também possui o mesmo privilégio.

MÊNON: — Manifestamente.

SÓCRATES: — A opinião certa não é menos útil, pois, que a ciência.

MÊNON: — Apenas com esta diferença, caro Sócrates: a opinião certa é menos útil do que a ciência, pois quem tem a ciência acerta sempre, ao passo que está sujeito ora a acertar, ora a errar, quem possui apenas uma opinião certa.

SÓCRATES: — Que dizes? Quem possui uma opinião certa acertará tanto quanto perdure essa opinião?

A opinião
e a ciência

MENON: — Forçosamente. Mas, então, admiro-me e não consigo explicar por que razão se coloca a ciência em plano mais elevado do que a opinião certa, e, mesmo, por que se faz distinção entre uma e outra!

SÓCRATES: — Sabes de onde vem a tua perplexidade? Ou queres que eu diga?

MENON: — Sem dúvida, quero.

SÓCRATES: — É porque não observaste bem as estátuas de Dédalo. Ou, talvez, não tenhas tais cousas em tua terra ⁽³²⁾?

MENON: — Por que te referes agora às estátuas de Dédalo?

SÓCRATES: — Porque elas, se não forem amarradas, escapam e fogem; mas, amarradas, ficam ⁽³³⁾.

MENON: — E daí?

SÓCRATES: — Daí que possuir uma obra de Dédalo sem tê-la encadeada é como ter um escravo fujão: é não ter nada, é ter algo que nada vale, porque, livres, ambos fogem — mas uma estátua bem atada vale muito, porque grande é sua beleza. Por que me referi às estátuas de Dédalo? Com que intenção? Pensando nas opiniões certas. Pois estas, da mesma forma, enquanto permanecem, valem um tesouro e só produzem o que é bom; mas não consentem em permanecer muito tempo na alma do homem, e não demoram muito a escapar, a fugir — o que faz com que não tenham muito valor até o instante em que o homem as amarra, as encadeia, as liga por um raciocínio de causalidade. Ora, caro Menon, não faz muito que ficamos de acordo em que a reminiscência oferece esta base racional. E assim, pois, quando as opiniões certas são amarradas, transformam-se em conhecimento, em ciência, e, como ciência, permanecem estáveis. Por esse motivo é que dizemos ter a ciência mais valor do que a opinião certa: a ci-

(32) Dédalo — personagem da mitologia que teria sido arquiteto construtor das velas de navios, do nível, da serra e do Labirinto de Minos. As *estátuas de Dédalo*, a que Sócrates faz referência designam as estátuas de um novo período da estatutária grega, de tipo liberto dos cânones das *xoanas* primitivas. Dédalo teria sido o primeiro a apresentar o nu na escultura e as suas estátuas denotavam já uma atitude de marcha, o que se opunha à imagem estática da plástica primitiva. (n. r.)

(33) Eco das anedotas que se referiam às novas estátuas de Dédalo nas quais já começava a aparecer o primeiro sinal do sentimento de vida, que pareciam animadas. (n. r.)

ência se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional.

MENON: — Por Zeus, Sócrates, como é interessante o que dizes!

SÓCRATES: — Todavia, não pretendo saber isso de ciência certa; falo por conjectura, por opinião. Mas que a opinião certa e a ciência são cousas bem distintas, é cousa que me parece muito mais que uma simples conjectura! E se há, aliás, algumas cousas que eu creia de fato saber — e não sei muitas — essa é uma delas.

MENON: — Tens razão, Sócrates!

SÓCRATES: — Com razão também estaremos, parece-me, se afirmarmos que a opinião certa, quando faz o papel de guia na realização de uma obra, produz os mesmos resultados que a ciência; não achas?

MENON: — Sim.

SÓCRATES: — Sim, e com a mesma razão ainda podemos afirmar que a opinião certa na vida prática não é nem pior nem menos útil do que a ciência, e que um homem de opinião certa não é inferior a um que possui a ciência.

MENON: — Penso que tens razão.

SÓCRATES: — Ora, estávamos de acordo em que um homem bom é útil.

MENON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Portanto, uma vez que a ciência não é a única cousa que produz homens bons e como tais úteis aos Estados — se é que de fato os há; e uma vez que ambas essas cousas, a ciência e a opinião certa, não são um dom da natureza... ou, acaso, pensas que uma ou outra dessas cousas seja dada pela natureza?

MENON: — Não, não o creio.

SÓCRATES: — Se, portanto, ambas não são dádivas da natureza, segue-se que não é a natureza que faz bons os homens.

MENON: — Necessariamente.

SÓCRATES: — Uma vez que não é a natureza, devemos indagar se a virtude é cousa que se ensine.

MENON: — Exatamente.

SÓCRATES: — Ora, pareceu-nos que a virtude podia ser ensinada, caso fôsse uma espécie de ciência.

MENON: — Perfeitamente.

SÓCRATES: — E que, se podia ser ensinada, era uma ciência.

MÊNON: — Efetivamente.

SÓCRATES: — E que, se existissem mestres, seria ensinável; se não, não.

MÊNON: — Isso mesmo.

SÓCRATES: — Ora, verificamos que não há mestres de virtude.

MÊNON: — De fato.

SÓCRATES: — Onde concluímos que a virtude não é uma ciência e que não pode ser ensinada.

MÊNON: — Com razão.

SÓCRATES: — Reconhecemos, contudo, que a virtude é boa.

MÊNON: — Exato.

SÓCRATES: — E que é útil e bom o que retamente nos governa.

MÊNON: — Sim.

99 SÓCRATES: — Ora, vimos que duas cousas apenas eram capazes de nos guiar retamente: a opinião certa e a ciência. Com elas, bem se dirige o homem. O que sobrevém, com efeito, por obra do acaso nada tem que ver com o homem; e o que faz do homem um guia do que é direito são estas duas cousas: a ciência e a opinião certa.

MÊNON: — Tens razão, Sócrates.

SÓCRATES: — Mas a virtude, uma vez que não pode ser ensinada, não é ciência.

MÊNON: — Realmente.

SÓCRATES: — De nossos dois bons guias, portanto, um acaba de desaparecer, e a ciência, como guia, fica eliminada da política.

MÊNON: — Bem o creio.

SÓCRATES: — Por conseguinte, não foi devido à ciência, nem tampouco por serem sábios como Temístocles e outros dos quais falava há pouco Anito, que esses homens governaram o Estado. E é por isso que esses sábios não conseguiram formar outros que se lhes assemelhassem, pois não foi mediante a ciência que eles mesmos assim se fizeram.

MÊNON: — Creio que tens razão, Sócrates.

SÓCRATES: — Ora, afastada a ciência, resta-nos ainda e apenas a opinião certa; é por ela que os políticos governam bem os Estados. E em face da ciência eles se encontram na

mesma situação que os profetas e os adivinhos: pois, como estes, dizem muitas vezes a verdade, mas *sem o saber*.

MÊNON: — Parece-me que tens razão.

SÓCRATES: — E esses homens, desprovidos de ciência conseguem realizar bem muitas cousas esplêndidas e fazer ótimos discursos. Esses homens, caro Mênon, não merecem ser chamados de "divinos"?

MÊNON: — Certamente que sim.

SÓCRATES: — Teríamos portanto razão em chamar de "divinos" aos profetas e adivinhos, e a todos aqueles que o delírio poético agita; e também devemos afirmar, com maior razão ainda, que divinos (34) são os políticos, pois é graças ao contato direto que têm com a divindade que conseguem fazer grandes cousas com seus discursos, embora não saibam o que estão a dizer.

MÊNON: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — Sim; de fato, caro Mênon, as mulheres chamam "divinos" aos bons; e os próprios lacedemônios, quando desejam louvar um homem bom, exclamam: "Este homem é divino".

MÊNON: — E com razão, pelo que me parece, caro Sócrates. Creio, todavia, que Anito se encolerizaria com tua linguagem.

SÓCRATES: — Pouco se me dá. Com ele, caro Mênon, havemos de falar novamente um outro dia. Quanto a nós e à nossa discussão, se a soubermos dirigir de começo a fim na forma devida, e se efetivamente não há entre os políticos um que possa formar outro político à sua imagem — concluimos evidentemente que a virtude nem é dádiva que se receba por obra da natureza, nem cousa que possa ser ensinada, mas que é por graça divina e não pela intervenção da inteligência que a recebem os que a possuem. Se há porém, um político que pode educar os outros e formar novos políticos, este, então, fará entre os vivos o mesmo papel que aquele Tirésias (35) fazia entre os mortos, e de quem Homero dizia

(34) Etimologicamente "entusiasmado" é sinônimo de "divino": essa palavra se compõe de $\epsilon\gamma$ e $\epsilon\delta\varsigma$, e significa "ter o deus dentro de si". (n. t.)

(35) Segundo uma concepção religiosa dos gregos, recebida da época homérica, as almas depois da morte perdiam a consciência. A única exceção a essa lei interna foi aberta a favor de Tirésias, segundo refere Homero. (n. t.)

que era o único a possuir consciência, sabedoria, sendo os outros apenas sombras errantes. Da mesma forma, quanto à virtude, um homem assim apareceria como um ente real no meio de sombras.

MÊNON: — Creio, Sócrates, que falaste bem.

SÓCRATES: — Assim, pois, meu excelente Mênon, segundo nosso raciocínio, a virtude nos pareceu resultar, naqueles em quem se encontra, de um exclusivo favor divino. Só podemos compreendê-la bem quando procurarmos antes de tudo, não *como* os homens a adquirem, mas *o que* ela é. Agora, porém, devo ir. Quanto a ti, caro Mênon, faze com que teu amigo Anito compartilhe da tua opinião; dessa forma ele se acalmará — e se isso conseguires, terás prestado aos atenienses um grande serviço!

BANQUETE

